**AS REAÇÕES ADVERSAS DA AUTOMEDICAÇÃO DE FÁRMACOS HUMANOS EM ANIMAIS DOMÉSTICOS**

SANTOS, Renata da Silva¹\*; BARBOSA, Paloma Santos¹; BRAGA, Letícia Soares¹; OLIVEIRA, Yasmim Cássia¹; OLIVEIRA, Samuel Gonzaga²; BICALHO, Ana Flávia Xavier³.

*¹Graduando em Medicina Veterinária UNIPAC – Conselheiro Lafaiete, MG, ²Graduando em Medicina Veterinária, UNIPAC – Uberlândia, MG, ³Professora do curso de Medicina Veterinária, UNIPAC – Conselheiro Lafaiete; MG. \*221-002478@aluno.unipac.br*

**RESUMO:** Existe um crescimento vertiginoso e preocupante no número de atendimentos em clínicas veterinárias por intoxicações medicamentosas em animais domésticos e essa intoxicação ocorre principalmente pela automedicação, onde o tutor do animal, busca remir a necessidade do mesmo por intermédio de uma medicação não indicada por um profissional, ou quando pior, um medicamento de uso restrito ao ser humano. A grande seara de medicamentos obtidos sem receituário agrava o problema já que o proprietário do animal não compreende a diferença entre a fisiologia humana e a do *pet* esta ingerência tem causado enfermidades e mortes de muitos animais.

**Palavras-chave**: automedicação, medicamentos, resistência microbiana, toxicidade.

**INTRODUÇÃO**

Ao longo da história, a relação entre o ser humano e os animais se intensificou, passando por transformações tornando uma relação sentimental, atualmente, são vistos como membros da família, os tutores passaram a tratá-los de maneira similar aos próprios filhos. Porém, começaram a acreditar que tudo que fosse benéfico para o homem também seria para o animal, sem levar em consideração a discrepância entre as suas fisiologias (ORTIZ e CONCEIÇÃO, 2015). A automedicação é quando um indivíduo ou seu tutor administra medicamentos para remir doenças ou sintomas sem a orientação e ou prescrição por profissionais da área.

A falta de informação é um dos principais agravantes para a questão da automedicação (ZIELKI, 2018) e a falta da orientação de um profissional pode levar a superdosagem e intoxicações dada a discrepância da fisiologia humana e dos animais domésticos, já que a eficácia de um medicamento precisa levar em conta diversas variáveis, que envolvem altura, peso e idade (ROCHA, 2014). O objetivo deste trabalho é apontar, referenciado na literatura, as adversidades advindas da administração de fármacos humanos nos animais domésticos.

**REVISÃO DE LITERATURA**

No Brasil, cerca de 70% dos brasileiros se automedicam e por terem uma intensa relação com os animais domésticos, acabam repetindo essa conduta com os mesmos, conduta essa que tornou-se comum por vários motivos como, a facilidade de comercialização de fármacos, a própria cultura e comodidade pela sociedade que vê na farmácia um local onde se vende de tudo, variedade de informações médicas disponíveis (MARINS, 2021).

Lamentavelmente, o uso sem orientação veterinária de fármacos humanos em animais pode acarretar prejuízos à saúde animal, como por exemplo, diarreias, prostração, vômito, e outras reações mais graves como toxicidade e resistência microbiana.

Conceição e Ortiz (2015) alertam que no Brasil a principal causa de procura ao atendimento veterinário são as intoxicações por automedicação, que superam outras intoxicações mais recorrentes como por plantas venenosas, animais peçonhentos, produtos de limpeza ou pesticidas. Pinto (2015) afirma que dos quadros de intoxicação animal por medicamentos 81% são por automedicação e 19% por ingestão acidental e o pesquisador ainda aborda que 95% das intoxicações são com fármacos para seres humanos e só 5% por medicamentos de uso veterinário.

A utilização de drogas antitérmicas de uso humano, como o paracetamol, em cães, não oferece riscos em baixas dosagens, todavia, uma superdosagem sem orientação veterinária pode provocar hepatopatia (danos ao fígado), em felinos, a administração deste tipo de fármaco não deve ocorrer, pois os gatos são incapazes de excretarem os metabólitos provenientes do medicamento, sendo assim, a automedicação sem prescrição de um médico veterinário poderia ocasionar nestes animais uma intoxicação medicamentosa (TASAKA, 2011).

 Um outro caso de automedicação para os felinos e que precisa ser observado é a administração do ácido acetilsalicílico - AAS pois estes indivíduos possuem deficiência metabólica hepática para este fármaco e doses mais elevadas do AAS podem causar febre, pequenas hemorragias gástricas e anorexia (NOGUEIRA e ANDRADE, 2011). Nogueira e Andrade (2011) ainda dissertam sobre o diclofenaco que é outra droga responsável por uma série de intoxicações dos animais domésticos no Brasil, ele atinge principalmente cães e é responsável por 73% dos casos, entre suas reações está a gastroenterite hemorrágica que leva diversos indivíduos a morte.

Outro medicamento bem comum em nossas casas e que causa reações sérias nos animais domésticos é o ibuprofeno. Segundo Riboldi et al. (2012), constatou-se que o ibuprofeno foi o principal Anti-inflamatório não-esteroidal citado nos casos de intoxicação fármacos em felinos, representando 60% delas. Nesta mesma linha de pensamento o ibuprofeno e também o naproxeno, são pouco seguros para os gatos por isso seu uso não é recomendado, pois eles podem levar ao aparecimento de úlceras gástricas e gastroenterites graves, além dos sintomas supramencionados, este fármaco comprometer do fígado e os rins (NOGUEIRA E ANDRADE 2011).

Antibióticos além de terem um relevante papel na medicina humana também têm grande utilidade para a veterinária, atuando na prevenção e tratamento de infecções providas de microrganismos, porém sem a devida observância às recomendações veterinárias, o uso deste medicamento pode desencadear a resistência microbiana pois as bactérias apresentam elevada capacidade de se adaptarem ao ambiente, ou seja, quando mal administrado e não respeitada a meia-vida do medicamento estes indivíduos podem sofrer uma série de mutações e o fármaco deixará de realizar sua função. Nascimento (2015) afirma que os principais antibióticos usados em casa sem orientação de um profissional são os chamados beta-lactâmicos (amoxicilina, penicilinas e cefalexina), as fluoroquinolonas (enrofloxacina) e as sulfonamidas.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O ato de medicar um animal envolve responsabilidade, experiência, estudo da fisiologia de cada um e pode causar consequências graves para saúde do animal quando feito sem prescrições de um profissional, portanto, todo procedimento e medicamento a ser administrado deve ser feito ou indicado por um médico veterinário. É função do médico veterinário elaborar receitas auxiliando na administração correta dos medicamentos, como as dosagens, frequências e formas de armazenamento. Portanto, é de suma importância conscientizar aos tutores sobre os riscos da automedicação e a importância do médico veterinário, pois só ele saberá informar o fármaco mais indicado para cada caso.

**REFERÊNCIAS**

CONCEIÇÃO, J. L. S.; ORTIZ, M. A. L. Intoxicação domiciliar de cães e gatos. **REVISTA UNINGÁ. V**, v. 24, n. 2, p. 59–62, 2015.

COSTA, D. I.; GOMES, B. M. S.; NASCIMENTO, C. J., et al. Análise a respeito do uso indiscriminado de medicamentos sem a prescrição do médico veterinário em aves de rapina. **Ciência Animal**, v.28, n.4, p.14-17, 2018.

MARINS, T. A. C.; PAIVA, J. L.; SANTOS, M. D. B., et al. Conscientização da população sobre os riscos do uso indiscriminado de medicamentos em animais. In: **CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG**, 8., p. 1-5, 2021.

NASCIMENTO, J. F. R. DO et al. Prevalência da administração de medicamentos sem a orientação do Médico Veterinário em animais de companhia na Cidade de Areia - PB. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 8, p. e50810817646, 2021.

NOGUEIRA, R.M.B.; ANDRADE, S.F. SANTOS, B, A. VETWEB: Riscos da automedicação em “pets” na era da tecnologia. 2021. Monografia (Barechal em Medicina Veterinária) - UniAGES Centro Universitário Bacharelado em Medicina Veterinária, Paripiranga. 1ªed. **Editora Roca**, 2011.

PINTO, A.F.R. Panorama nacional da medicação de cães e gatos sem aconselhamento médico veterinário. **Dissertação** – (Mestrado em Medicina Veterinária) - Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Medicina Veterinária. Lisboa, 2012.

RIBOLDI, E.; LIMA, D. A.; DALLEGRAVE, E. Sensibilidade espécie-específica aos anti-inflamatórios não esteroidais: humanos X animais de companhia. **Arquivo brasileiro de medicina veterinaria e zootecnia**, v. 64, n. 1, p. 39–44, 2012.

ROCHA, A.L.R. Uso racional de medicamentos. 2014. 50p. Monografia (Pós-Graduação em tecnologias Industriais Farmacêuticas) – Instituto de tecnologias em Fármacos, **Fundação Oswaldo Cruz**, Rio de Janeiro, 2014.

TASAKA, A.C. Anti-inflamatórios Não Esteroidais. In: SPINOSA, H.S. et al. **Farmacologia Veterinária**, 5. ed. São Paulo: Guanabara Koogan, 2011. cap. 21, p. 245-259.

ZIELKE, M. et al. Avaliação do uso de fármacos em animais de companhia sem orientação profissional. **Science and Animal Health**, v. 6, n. 1, p. 29, 2018.